

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.083

O TEMPO E O SER NO TEMPO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS TEMPORALIDADES NA COMPREENSÃO DE TEÓRICOS DA HISTÓRIA

Fábيا Janaina Marciel da Silva¹

RESUMO

O presente artigo versa sobre a importância da Teoria da História e do estudo dos conceitos para compreensão e interpretação históricas, mais especificamente, discute o conceito de tempo como facilitador de uma melhor compreensão historiográfica. A pesquisa foi realizada através de uma abordagem qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o conceito de Tempo, tomando como fontes os estudos teóricos publicados pelos autores: Antoine Proust, Marc Bloch, Santo Agostinho, Joël Candau, Paul Ricoeur, Norbert Elias, Reinhart Koselleck, José Carlos Reis e François Hartog, que serão apresentados e discutidos neste presente trabalho. A construção de noções sobre o tempo e suas temporalidades faz-se necessária para que ocorra a percepção de identidade, do reconhecimento do indivíduo, enquanto sujeito histórico, conhecedor de sua historicidade, de sua cultura, das tradições e das mudanças sociais e pessoais que interferem na produção de seu conhecimento histórico e de suas relações sociais. O conceito teórico de tempo está relacionado à trajetória humana em seus aspectos sociais, culturais e políticos, interligando os agentes sociais aos dias de hoje, através das mudanças temporais, espaciais e sociais perceptíveis no espaço social que os diferentes sujeitos ocupam. Neste ensejo, este trabalho oferece diferentes percepções

1 Mestre em Ensino de História pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Professora efetiva da Rede Estadual de Pernambuco. E-mail: janainamarcie@gmail.com

teóricas de autores que pesquisam sobre este conceito e que se apresenta tão importante para a compreensão histórica dos homens em suas ações individuais e sociais, no tempo.

Palavras-chave: Ensino de História, Teoria da História, Tempo, Temporalidades.

INTRODUÇÃO

Segundo José Carlos Reis (2006), a verdade histórica não se refere a um discurso sobre o atemporal, pois a teoria sobre a qual trabalha o historiador se refere a um lugar no tempo, já que, ligada à prática teorizar é levar as coisas ao seu devido lugar. O autor considera que existe uma tensão entre os termos: pesquisa histórica e teoria da História, na medida em que a pesquisa histórica direciona o seu olhar para a teoria, mas, ao mesmo tempo, reconhece que as ações vividas são sempre novas e alheias à qualquer teoria. Já a teoria, por sua vez, se impõe com força na interpretação dos documentos, sistematizando a experiência vivida, estando sempre aberta à pluralidade de perspectivas e observando a existência do que é vivido, seguindo as evidências perceptíveis ao universo da pesquisa. (REIS, 2006).

O que temos ao certo é que os dois termos se complementam, pois toda pesquisa histórica necessita de uma teoria esclarecedora que norteie os caminhos investigativos, e toda teoria é reflexo do que foi vivido pelos seres humanos, permanecendo necessária ao processo de aprendizagem sobre as ações sociais desses homens ao longo do tempo.

O presente trabalho pretende discutir sobre a importância dos conceitos teóricos na aprendizagem histórica, mais especificamente sobre o conceito de Tempo², como elemento norteador da percepção e existência das temporalidades na vivência humana. Tem como objetivos: apresentar a percepção científica de vários autores sobre o conceito de Tempo, trazendo mais especificidade ao termo para estudantes e demais pesquisadores que visualizam a importância dos aspectos teóricos para uma melhor compreensão da História; tornar assimilável a compreensão do conceito de Tempo como uma construção humana, social e cultural, visto não somente como algo linear, e sim, como algo mutável, flexível, adaptado à cada cultura humana e necessário ao reconhecimento

2 Utilizaremos a palavra Tempo escrita com letra maiúscula quando esta se referir ao conceito discutido nesta pesquisa.

da suas identidades sociais; desenvolver um conhecimento facilitador da aprendizagem sobre a noção do Tempo e suas temporalidades para que estudantes e pesquisadores reconheçam suas historicidades e suas tradições culturais e estabeleçam relações entre passado e presente na interligação da sociedade, em seu processo evolutivo.

METODOLOGIA

A pesquisa parte de um estudo exploratório e foi realizada através de uma abordagem qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o conceito de Tempo, tomando como fontes os estudos teóricos publicados pelos autores: Antoine Proust, Marc Bloch, Santo Agostinho, Joël Candau, Paul Ricoeur, Nibert Elias, Reinhart Koselleck, José Carlos Reis e François Hartog, que serão apresentados e discutidos neste presente trabalho. A pesquisa bibliográfica permite a identificação de uma gama de fenômenos amplos sobre as informações requeridas e se mostra indispensável aos estudos históricos (GIL, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Existem vários conceitos relacionados ao Ensino de História que são fundamentais para a compreensão dos processos que ligam a humanidade uns aos outros, dentro de determinado espaço e conjuntura. Eles vão sendo construídos e utilizados à medida que o historiador entra em contato com seu objeto de estudo e faz uma análise sobre eles. Dentre os conceitos considerados fundamentais na compreensão histórica está o de Tempo, que permitiu que cada sociedade se afirmasse em um espaço e em uma rotina social peculiar. A perspectiva temporal é essencial para qualquer estudo histórico. Um elemento visceral e definidor da História (BARROS, 2014).

E o que seria mesmo o Tempo? Esse elemento tão abstrato, e ao mesmo tempo tão concreto, no seu sentido humano e físico de se fazer

sentir? Um conceito que traz um nível de complexidade tão debatido, e que por mais que se saiba indiretamente dizê-lo, não sabemos resumi-lo de uma única forma. Não somente porque o Tempo não é algo “palpável”, que escorre por entre nossos dedos, mas também porque ele é um objeto de observação da nossa vivência em sociedade. Cada um tem uma forma individual de representá-lo, de percebê-lo, de descrevê-lo. Por que ele é tão misterioso e perturbador? Ou seria envolvente? Não conseguimos nos desprender do Tempo e estamos associando-o constantemente a todos os fatos que acontecem em nossas vidas.

Antoine Prost nos lança um questionamento que dá ênfase a esta tarefa de compreensão sobre este conceito:

A História faz-se a partir do tempo: um tempo complexo, construído, e multifacetado. O que é, portanto, esse tempo caracterizado pelo fato de que, ao servir-se dele, a história simultaneamente o constrói, além de constituir-se uma de suas particularidades fundamentais? (PROST, 2008, p. 96)

Na reflexão de Prost (2008), o conceito de Tempo está ligado às sociedades, à coletividade, incorporado aos documentos, aos fatos, às questões humanas. Seria o Tempo “a própria substância da História” (PROST, 2008, p. 96), “o principal ator da história” (PROST, 2008, p.114), ligando passado e presente, fazendo a história ser construída dentro de uma estrutura temporal. Segundo ele:

Na construção da história, vê-se a importância decisiva do trabalho sobre o tempo. Além de uma colocação em ordem, de uma classificação cronológica e de uma estruturação em períodos, trata-se de uma hierarquização dos fenômenos em função do ritmo de mudança de cada um deles. O tempo da História não é uma reta, nem uma linha quebrada feita por uma sucessão de períodos, nem mesmo um plano: as linhas entrecruzadas compõem um relevo. Ele tem espessura e profundidade. Além de se fazer a partir do tempo, a história é uma reflexão sobre ele e sua fecundidade própria. (PROST, 2008, p. 114).

Observamos as temporalidades nos ritmos do Tempo, nas durações, diacronias, e apesar de sua teorização, vê-se na sua organização a impor-

tância de sua presença na vida dos seres humanos. Outra observação feita pelo autor em questão traz uma reflexão muito importante sobre o Tempo e o trabalho do historiador, ao dizer que:

A primeira lição da História que os historiadores aprendem mesmo sem se darem conta é que ela tem um início, um meio e um fim. Elas se escrevem em uma trajetória temporal que não tem certamente a regularidade de metrônomo ou do relógio, que se acelera em alguns momentos e se torna mais lenta a ponto de parecer imóvel em outros, mas se assegura uma continuidade do passado ao futuro. O historiador se move como que naturalmente em uma temporalidade que ele recorta em períodos, que ele reconstitui e percorre ao seu gosto: o tempo, como continuidade de ritmo desigual, mas inexorável; o tempo, que não se pode nem parar, nem fazer voltar atrás ou avançar. (PROST, 2000, p. 08)

O autor afirma que é perceptível a trajetória do Tempo, e que são necessários esses recortes temporais feitos pelo historiador, mas que essa continuidade não é controlável. Para torná-lo passível de estudos, o historiador trata o Tempo, recorta, analisa, mergulha nele para compreendê-lo, sempre da melhor maneira possível na tentativa de conhecê-lo e de interpretá-lo.

A célebre frase de Marc Bloch diz que a História é “a ciência dos homens no tempo” (BLOCH 2001) trouxe a profundidade dessa relação extremamente forte entre a História e o Tempo, dois elementos indissociáveis. Seria impossível pensar as relações humanas sem um marco temporal. O tempo da História, para Marc Bloch, era o lugar da sua inteligibilidade, o respiro sobre sua duração. Para esse grande historiador: “dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo.” (BLOCH, 2001, p. 50).

Dessa forma, o estudo sobre o Tempo traz possibilidades de análise dos diferentes ritmos, dos fatos que se modificam, e daqueles que permanecem inalterados, ou até mesmo daqueles que parecem se repetir, sem transformar. Ali, estariam presentes essas observações de um tempo contínuo, ou descontínuo, longo, ou curto, permanente, ou alterável.

E dentre tantos questionamentos feitos sobre este conceito, nos atentamos um pouco para as inquietações, presentes nas *Confissões*, de Santo Agostinho, no seu livro XI, capítulo XIV ao XXI, mas especificamente no capítulo XIV, onde ele indaga que Deus fez o próprio tempo, e nenhum tempo seria coeterno com Deus, pois ele era imutável. Ele pergunta:

“O que é o tempo? Quem poderia explicá-lo de maneira breve e fácil? Quem pode concebê-lo, mesmo no pensamento, com bastante clareza para exprimir a ideia com palavras? E, no entanto, haverá noção mais familiar e mais conhecida e usada em nossas conversações? Quando falamos dele certamente compreendemos o que dizemos, o mesmo acontece quando ouvimos alguém falar do tempo. Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quisesse explicar a quem indaga, já não sei. Contudo, afirmo com certeza e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se não houvesse os acontecimentos, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse agora, não haveria tempo presente. Como então podem existir esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado já não existe e se o futuro ainda não chegou? Quanto ao presente, se continuasse sempre presente e não passasse ao pretérito, não seria tempo, mas eternidade. Portanto, se o presente para ser tempo deve tornar-se passado, como podemos afirmar que existe, se sua razão de ser é aquela para qual deixará de existir? Por isso, o que nos permite afirmar que o tempo existe é a sua tendência a não existir.”

Na reflexão de Santo Agostinho, podemos perceber que sabemos pessoalmente formar uma ideia do que seja o Tempo, mas, se alguém nos pede para definir esta ideia, já sentimos certa dificuldade, porque esse Tempo que rodeia e organiza os afazeres humanos não é algo sólido, estático, mensurável. É algo teórico, totalmente envolvido em nosso percurso, mas difícil de ter uma definição prática. Santo Agostinho ainda reflete sobre a ligação desse tempo às percepções temporais do presente, passado e futuro, questionando a existência dessas divisões temporais e o poder de percepção que podemos ter sobre elas.

Santo Agostinho revela que as três temporalidades: presente, passado e futuro só existem na mente humana, e que todas se interligam ao seu entendimento do que seja o presente, seriam eles o presente do passado,



o presente do presente e o presente do futuro. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a percepção direta; o presente do futuro é a esperança. Para ele essa palavra Tempo demanda mistérios. Seu desejo, assim como o nosso seria conhecer a natureza e a essência dele. Qual seria sua consistência? Ele é visível, ou se tem somente a impressão de vê-lo? Como poderíamos medi-lo? O Tempo estaria ligado ao movimento de um corpo, ou ao movimento dos astros? Seria ele uma extensão da alma? É no espírito que se poderia medir o Tempo? Diz Santo Agostinho, em seu capítulo XXIII:

“Ninguém, portanto, me diga que o tempo é o movimento dos corpos celestes. Quando a oração de um homem fez parar o sol para concluir vitoriosamente a batalha, o sol estava imóvel, mas o tempo caminhava; e a batalha terminou no espaço do tempo que era necessário.”

Diante de uma reflexão tão profunda sobre o Tempo, percebe-se que ele se faz presente nas manifestações da natureza humana, seja por uma simples modificação da paisagem. Porém, não se consegue traduzi-lo. Saber o que é o Tempo, essa incógnita que nos devora, é difícil. O autor confessa que diz todas essas coisas no tempo, mas, não sabe dizê-lo: “Ai de mim que nem sei nem mesmo o que ignoro!” (Santo Agostinho, XXVI). As colocações de Santo Agostinho mostram que a procura pela definição e compreensão do conceito Tempo é antiga. Sempre considerada necessária pelo homem, independente da época de sua vivência, pois traria respostas claras à preocupação de deixar marcas humanas, evidências de vida e lastros, importantes para as outras gerações.

Outro autor que discute sobre o Tempo, em seu livro Memória e identidade, Joël Candau, diz que:

Somos sempre condenados ao tempo, condição a qual não escapa nenhuma existência. O tempo voraz que segundo a segundo, como um inseto perseverante (...), devora mecânica e inexoravelmente toda vida, realizando assim sua obra de decomposição: o tempo presente, agonizante por essência (...) prestes a desaparecer no passado, no momento mesmo em que anuncia o futuro. O fluxo do tempo, por essa razão,

ameaça os indivíduos e os grupos em suas existências. Como parar esse tempo devastador, essa corrida desabalada, como evitar seu trabalho, incoerente, indiferente, impessoal, destruidor, como se livrar da ruína universal com a qual ameaça toda a vida? (CANDAU, 2019, p. 15)

Estaríamos mesmo diante de um tempo tão voraz e ameaçador? De onde viria essa ameaça? Diríamos que, talvez do medo que perpassa a cabeça de cada ser humano do processo da mortalidade, da finitude, enquanto ser físico. Acabada sua existência, estaria ele sujeito ao aniquilamento, ausência total do que se foi. O Tempo é visto como uma ameaça, segundo Candau (2019), porque nos tira a permanência física no espaço em que o corpo estava tão acostumado e adaptado. E sua passagem nos aterroriza, porque não queremos deixar de existir.

Esse fluxo do tempo, não é algo controlável pelo ser humano, Por isso ele o organiza tanto, por isso ele o considera rápido, por isso tenta-se medi-lo, seja pela observação dos astros, seja através do controle da datação feito pelo calendário. E talvez por isso, pela necessidade de provar que existiu, que ele está tão profundamente arraigado à historia, pois ela é a ciência que deixa os rastros humanos sobre o espaço, que permanece habitado por outros seres, que substituem os que deixaram de ser, fisicamente. Por isso, a importância do registro, da memória, perpassada de geração em geração, para se provar que viveu.

O autor Paul Ricoeur (2010) diz que é a narrativa que torna possível a experiência humana do Tempo. Para ele: “O tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal.” (RICOEUR, 2010, p. 09). É a narrativa que torna a ideia de Tempo compreensível aos humanos, conferindo-lhe significado. Na visão de Nobeert Elias (1998), o Tempo também não existe em si. Ele é um símbolo social, que resultou de um longo processo de aprendizagem humana, algo que dá para ser sentido pela própria fuga dos anos no calendário, pela observação do relógio. Não e algo que o indivíduo possa forjar em seu conceito. Ele vai se tornando evidente em

sociedade, de acordo com as tarefas que os homens vão desenvolvendo, é na verdade, um instrumento de orientação.

Seria o Tempo uma representação simbólica presente nas relações individuais, sociais, físicas, onde o homem verifica suas condutas e a conduta de outros homens que vieram antes dele, bem como é verificador das sensibilidades humanas. Segundo Elias (1998), quando os homens passaram a considerar os padrões naturais insuficientes, ele teve então, a intenção de construir padrões próprios, como o relógio, que passou a servir de referência, junto a outros objetos de caráter escalar e métricos.

O Tempo, para ele é como se fosse um quadro de referência do qual a humanidade se serve para erigir numa sequência de mudanças, limites, permanências, de fluxos. O Tempo, como símbolo, necessita de um meio externo físico para sua representação. Esse meio físico seriam a forma dos homens acompanharem socialmente essas passagens, através de sua comunicação com os outros. Essas explicações sobre o Tempo mostram claramente como a relação com ele vai se modificando e se transformando à medida que as relações sociais vão ficando mais complexas também.

O autor Koselleck, em sua obra “Futuro e Passado”, também discute sobre a complexidade da compreensão temporal:

Que é o tempo histórico? Essa é uma das perguntas mais difíceis de responder no campo da historiografia. A questão nos leva necessariamente a adentrar o terreno da teoria da história, sob uma perspectiva ainda mais profunda do que a habitual, pois as fontes do passado são capazes de nos dar notícia imediata sobre os fatos, as ideias, sobre planos e acontecimentos, mas não sobre o tempo histórico em si. (KOSELLECK, 2006, p 13)

O autor nos convida a investigar o campo da teoria da história para que haja uma melhor compreensão sobre as ideias e fatos, embora reconheça a dificuldade de compreensão do Tempo histórico. E na sua obra: “Estratos do tempo”, Koselleck nos remete a diversos planos, com diferentes durações, pois a História está relacionada ao espaço. Ele usou esse

termo a partir do século XVIII, depois que a ciência natural foi temporalizada para separar os diversos planos temporais e os acontecimentos. Tempo e espaço seriam categorias conjuntas que possibilitariam o acontecimento histórico.

Em Koselleck, vemos uma forma de ver o tempo que segundo ele mesmo, pretendia: solapar a oposição entre o linear e o circular. “Os tempos históricos consistem em vários estratos que remetem uns aos outros, mas que não dependem completamente uns dos outros.” (KOSELLECK, 2014, p. 19-20). Os historiadores organizavam o tempo de forma linear, ou de forma circular, mas para Koselleck, ambos os modelos eram insuficientes, pois todas as sequências históricas contêm elementos lineares e circulares (recorrentes). O autor afirma que:

O proveito de uma teoria de estratos do tempo consiste em sua capacidade de medir diferentes velocidades, acelerações ou atrasos, tornando visíveis os diferentes modos de mudanças que exibem grande complexidade temporal. (KOSELLECK, 2014, p. 22)

De modo que o tempo histórico e o tempo natural se influenciam, e a história humana pode ser interpretada através dessa metáfora e dos diferentes estratos relacionadas às experiências acumuladas pelos sujeitos. Esses Estratos do tempo sempre se repetem em ações singulares. Para essa comprovação ele cita em sua obra o exemplo do casamento: para os noivos é uma experiência única, um ato individual, mas a cerimônia segue um ritual de repetibilidade, pois os ritmos e dogmas se repetem justamente para gerar uma precondição dos casos individuais, bem como o exemplo do carteiro que faz o mesmo trajeto diariamente, mas sempre levando mensagens singulares.

Os fatos humanos, segundo Koselleck, são únicos e por isso muito difíceis de serem previstos, mas ao analisarmos as condições gerais, que são passíveis de repetição é possível fazer uma espécie de prognóstico através dessa repetibilidade: “sem a pluralidade de estratos de tempo tampouco seria possível arriscar prognósticos” (KOSELLECK, 2014, p. 14).

Essas estruturas de repetição não se reproduzem de forma homogênea, pois acontecem em diferentes velocidades.

Nos estratos do tempo estudado pelo autor está a estrutura de repetição, essa estrutura ajuda a realizar os casos singulares. Para ele: “sem o retorno do mesmo, ou pelo menos de algo semelhante, conforme um planejamento e sem organização seria impossível que eventos singulares se realizassem.” (KOSELLECK, 2014, p. 21). Ele cita como exemplo o uso da linguagem para a comunicação, para que o ato singular da fala possa ser compreendido é necessária a repetição. Cita também a relação das leis e da justiça, pois as mesmas são formuladas de forma geral para julgar casos singulares; para que possam ser aplicadas é preciso que haja uma recorrência, onde: “fenômenos de recorrência podem ser demonstrados como condição de singularidade em todos os âmbitos da vida.” (KOSELLECK, 2014, p. 22). A própria repetição pode ser uma singularidade, pois os acontecimentos singulares estão ligados a essas estruturas de repetição.

E sobre o estrato de tempo transcendente, que perpassa a experiência dos indivíduos, das gerações, dos limites cotidianos, ele cita a reprodução biológica, o ato de concepção, nascimento e morte, “que acolhe todas as histórias de amor e de ódio, todos os conflitos geracionais.” (KOSELLECK, 2014, p.24). Eles se repetem, já existiam e continuarão a existir pelas gerações que se seguem.

O autor deixa clara a relação do Tempo com o espaço, bem como a importância das experiências dos homens nesses espaços temporais. Os tempos são plurais, e se diferenciam em durações que se relacionam com a vivência de cada ser humano e estão estruturadas, têm suas particularidades, suas repetências que permitem a existência de singularidades e que se interligam a fatos que são transcendentais, que perpassam as existências humanas. Onde interessa a idade interna do homem e a relação que este estabelece entre seu passado e futuro.

Pensar o Tempo histórico a partir das categorias do campo da experiência (passado) e o horizonte de espera (futuro) torna possível o

conhecimento humano. Para Koselleck, determinar a diferença entre passado e futuro, entre campo de experiência e horizonte de espera em um presente é apreender alguma coisa que seria chamado de tempo histórico.

O autor José Carlos Reis vai além ao dizer que: “O tempo é a relação da alma consigo mesma - ela se lembra e espera.” (REIS, 2006, p. 180). Para ele:

O ser que estava na origem não é o mesmo que chega ao final de alguns anos, ou séculos. Entre o ser inicial e o final há o tempo, a duração que altera o ser. Essa duração não é natural, contínua, homogênea, regular, mensurável, é humana, vivida, portanto, descontínua, heterogênea, irregular, qualitativa, não mensurável. A mudança vivida é irreversível e incomensurável. (REIS, 2006, p. 180)

O tempo altera o ser, sendo um antes e outro depois de sua passagem, Reis pergunta: “Seria possível segurar esse tempo humano que transcorre vertiginosamente, vivido na inquietação, no terror do horizonte mortal?” (REIS, 2006, p. 181). E faz uso de uma analogia ao estudo do tempo comparando-o a uma ampulheta, ou clepsidra, onde o tempo humano que está sendo vivido estaria representado pela sua parte superior, representando um mundo que aparenta ser sólido, palpável, mas, que segundo o autor, tende a desabar e a deixar de ser, transformando-se em passado, deslocando-se para parte inferior da clesidra. Mas, essa parte inferior, que seria o passado não se deixa reter também, ela escorre, ela deixa resquícios do que foi.

E esta seria a grande problemática observada: como acompanhar essa passagem do tempo? Como conhecê-lo mais profundamente? Como descrevê-lo? É possível torná-lo visível? Uma forma de tentar responder alguns desses questionamentos feitos pelo historiador e por aqueles que se debruçam sobre as inquietações provocadas pelo tempo, seria agarrar-se à cintura de vidro da ampulheta, observando este presente passar lentamente para a parte inferior, observá-lo, bem disse, já que o mesmo não se deixa reter. O papel do historiador, dentro dessa analogia, seria

virar a clepsidra de cabeça para baixo, fazendo desabar sobre os vivos o ser que se foi, que estava lá no passado, inquieto, pungente, na sua aflição de se fazer lembrar, desabando a contrapelo sobre a cabeça dos vivos (REIS, 2006).

O passado seria para o historiador, o que tem de mais sólido na estrutura do tempo. (REIS, 2006). Um dos grandes objetivos do historiador, dentro do seu anseio de conhecer o homem no tempo é a interpretação feita a partir do olhar compenetrado sobre o vão da clepsidra, que lhe possibilita lançar sinais, interrogações, e que para sua alegria, ele obtém respostas: “O fundo da ampulheta fala, se expressa, é capaz de dialogar com a parte superior, retirando os vivos da solidão, em sua passagem inexorável pelo vão.” (REIS, 2006, p. 183).

Partindo dessa análise temporal, extremamente ligada aos vestígios humanos e a alteridade, Reis (2006) diz que seria necessário recorrer a um terceiro tempo, como uma forma de mediação entre os dois tempos já existentes: o tempo físico e natural e o tempo da consciência, que é individual e próprio de cada ser humano. Seria esse terceiro tempo o tempo histórico, que chegaria representando a sucessão de gerações biologicamente e culturalmente. Um tempo capaz de vencer a morte, pois o ser continuaria através de seus vestígios; com isso, se combateria o esquecimento. O historiador estaria abraçado à ampulheta, (REIS, 2006), assegurando que houve sucessões demográficas, que o homem não deixou de existir. Analisa também o lado cultural, datando e pesquisando ele percebe:

Gerações que possuem afinidades, que participam de uma mesma memória, de uma mesma espera, mesmos distantes entre si quanto às suas datas. Ele identifica as gerações que valorizam a tradição, e as que inovam, interrompendo a tradição. Postando ali, no buraco do tempo, ele realiza a mediação, ele põe em diálogo homens que nunca se encontraram, nunca se viram e se conheceram, mas repletos de dados e informações sobre sua própria experiência de vida para se oferecerem reciprocamente. (REIS, 2006, p. 188)

Essa mediação é feita através de vestígios, arquivos, de suportes materiais, entendidos como mensagens e fontes utilizadas no trabalho do historiador. Esse tempo, o histórico, estaria se referindo: “à vida humana, que é individual e coletiva. Forçar o coletivo contra o individual, ou enfatizar o individual contra o coletivo é fracassar na apreensão da vida humana - objetivo do historiador.” (REIS, 2006, p. 184).

Esse terceiro tempo, quando organizado através do calendário, teria como função principal orientar as continuidades e as rupturas, organizar as sociedades, as gerações, datar os documentos. Seria ele: “a primeira ponte que a história lança sobre o abismo entre a natureza e a consciência.” (REIS, 2006, p. 185) Do tempo físico, o calendário extrai a continuidade, do tempo da consciência ele extrai a irreversibilidade, a mudança, a memória, ele relata um evento que é sucedido por outro evento, numa sucessão humana no tempo.

A certeza da sucessão é nossa prova sobre o Tempo, mas isso não simplifica, nem resume nossa visão sobre o mesmo. “Dentro de suas medidas prevalece o incomensurável, os ritmos heterogeneamente descontínuos, as lembranças e esquecimento, as esperas e decepções, a inquietação vivida.” (REIS, 2006, p. 190) Ele serve de referência moderna, registra as ações humanas que ficaram gravadas nos vestígios, verificadas pelas gerações que vieram dentro dessa sucessão. O calendário seria o mediador entre os dois tempos, trazendo consigo as mudanças, a memória, a escolha de um determinado momento considerado essencial na determinação das datas (REIS 2006).

Utilizando-se de sua metáfora da clepsidra, o historiador observa então, que este número que está representado no calendário aparece, marcando sua passagem pelo espaço da clepsidra, ganhando uma temporalização, organizando o retorno sucessivo dos homens (REIS, 2006). “O que passa sucessivamente, marcado pela data, são gerações, vivos que viveram juntos, que cabem na mesma data.” (REIS, 2006, p. 186).

Percebe -se então, que a função do calendário é trazer uma relação temporal, sucessão, passagem, essa diacronia que responde a uma

inquietação humana relacionada ao tempo. Esse ritual de passagem, que muito embora seja percebido sob vários ritmos é determinante na observação das temporalidades, ligadas ao presente e passado, preconizando também o futuro, o que está datado, será vivenciado, verificado, para que aconteça, de forma semelhante ao que se espera, ou não.

Mas, para Koselleck, a compreensão sobre o Tempo histórico não se resolveria somente pelo calendário. A datação ajuda a localizar o mundo histórico dentro de suas sucessões, mas, existe a necessidade de conhecer o mundo humano. Esse Tempo histórico estaria associado às ações políticas, institucionais, concretas, realizadas por esses seres humanos, e ligado também aos seus vestígios. Em sua obra *Futuro e Passado* (2016) Koselleck diz que para compreensão desse tempo histórico ligado às ações humanas e ao seu cotidiano, faz-se necessário:

Contemprar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido. Ou ainda, deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casa; que observe também o diferente ritmo dos processos de modernização sofrido por diferentes meios de transporte, que, do trenó ao avião, mesclam-se, superpõem-se e assimilam-se uns aos outros, permitindo que se vislumbrem, nessa dinâmica, épocas inteiras. Por fim, que contemple a sucessão de gerações dentro da própria família, assim como no mundo do trabalho, lugares nos quais se dá a justaposição de diferentes espaços da experiência e o entrelaçamento de distintas perspectivas de futuro, ao lado de conflitos ainda em germe. Esse olhar em volta já é suficiente para que se perceba a impossibilidade de traduzir, de forma imediata, a universalidade de um tempo mensurável e natural - mesmo que esse tempo tenha uma história própria - para um conceito de tempo histórico. (KOSELLECK, 2016, p. 14)

Dentro dessas discussões, outro autor que nos descreveu sobre a complexidade do tempo histórico foi François Hartog, em suas discussões sobre os Regimes de historicidade, ele escreve sobre três modelos temporais bem nítidos para a compreensão das mudanças na visão dos

tempos históricos, bem como descreve suas características. Para o autor, existe uma grande diferença entre época e regime: época seria apenas um recorte no tempo linear, enquanto o regime organiza o passado em forma de estruturas. Hartog diz que: “um regime não é uma entidade metafísica, que desce dos céus, mas antes um arcabouço durável, que é desafiável, tão logo se torne predominante, ou simplesmente funcional. (HARTOG, 2008, p.10).

Em um primeiro regime, via-se a História como mestra da vida, ou *Magistra Vitae*, que tinha nos feitos do passado uma lição a ser vivenciada, ou afastada, para se chegar a um futuro exemplar. Nele, o passado podia ser um perfeito modelo do que seria vivido no presente e do que estava por vir no futuro. Nas palavras de Hartog: “o primeiro movimento era o de olhar o passado, não para repeti-lo, mas para compreender o devir, para encontrar seus precedentes, exemplos e referências com vistas às ações praticadas.” (HARTOG, 2015, p.04). Fatores como o lugar ocupado pelas igrejas e instituições religiosas muito influenciáveis, bem como a formação das grandes monarquias contribuíram para da vida longa ao modelo *Magistra Vitae* que perdurou até meados do século XVIII.

A partir da Revolução Francesa, de 1789, surge outro modelo que Hartog chamou de *Regime moderno de historicidade*. Segundo o autor:

Com a Revolução Francesa o futuro estava oficialmente em cena. Ruptura com o antigo regime e o avanço do que eu chamo de Regime Moderno de Historicidade, ou seja, esse tempo marcado, segundo Koselleck, por uma lacuna crescente entre o campo da experiência e o horizonte da espera. (HARTOG, 2015, p.03)

Sob a luz desse novo regime, surge a ideia de que o Tempo deveria está direcionado a um futuro, idealizado, ou contemplado, a partir de uma visão de progresso e de processo. Nessa perspectiva, a História teria a preparação para um futuro, pois sua intenção era estabelecer um caminho, o melhor possível, para se chegar com êxito a esse futuro, vislumbrá-lo para alcançá-lo.

A partir de um grande acontecimento político, econômico e social que foi a queda do muro de Berlim, na Alemanha, em 1989, que trouxe mudanças antes não imaginadas pelas sociedades, como a total falta de previsibilidade sobre o futuro, houve a quebra do que Hartog (2008) chamava de Regime moderno de historicidade: “Então chegou 1989, inesperadamente marcando o fim efetivo da ideologia que sempre se apresentava como o fio de corte do modernismo ou do futurismo.” (HARTOG, 2008, p.17).

A queda do muro de Berlim trouxe à tona uma série de mudanças na forma de vermos o tempo, onde até então, existia um período em que o ponto de vista do futuro dominava. Portanto, nesse modelo, ficou claro que não era mais possível trabalhar com a ideia de um futuro direcionado, pois várias vertentes se abriram, não havendo mais espaço pra um direcionamento ao futuro específico. O próprio passado teria se tornado opaco, como também imprevisível, pois ele poderia ser ampliado, colocando-se novas questões sobre o mesmo, para obtenção de novas respostas que por muitas vezes poderiam ter sido interrompidas, evitadas, ou destruídas, e dependendo do contexto, poderiam vir à tona.

Inicia-se assim, um novo regime que Hartog denominou de Presentismo, pois essa crise que se abateu sobre o futuro, deixou a humanidade sem nenhuma imagem formada sobre ele, e o próprio presente passou a ter uma imagem sobre si, como se já fosse futuro, trazendo uma aceleração temporal jamais imaginada. Hartog dizia que estava ocorrendo uma crise de futuro, porque por um lado tínhamos um passado recente que não tinha sido compreendido completamente, mas que devido ter apresentado uma diferença única em seu contexto, ou mesmo um corte, diante do que poderia ser previsto, não dava mais para orientar o presente, nem deixava margem pra se tentar interpretar o futuro.

O autor fala como se existisse uma brecha temporal. Não havia, naquele momento, como explicar o tempo histórico. Por isso a idéia de um presentismo, não somente pela falta de projeção do futuro, mas segundo Hartog, pelo dismantelamento dos instrumentos que poderiam nos dar

essa previsão, ou projeção. Portanto, até o começo dos anos 80, tínhamos três linhas de pensamento que configuravam a História: a história, Mestre da vida, voltada para o passado, o Regime moderno de historicidade, voltado para o futuro, e a história do tempo presente, ou Presentismo, situada no hoje, aqui e agora.

Referindo ao hoje, mas precisamente ao agora, para Hartog, todos os três modelos se quebraram, não havendo mais como basear-se em nenhum deles. Nas suas palavras:

Escrever uma história dominada pelo ponto de vista do futuro, como uma teleologia, não é mais possível, restaurar a antiga *historia Magistra* poderia ser tentador, mas intelectualmente, e não intelectualmente, não muito satisfatório! E o presente mesmo, como acabamos de ver não é um chão seguro. Assim o historiador não tem escolha a não ser edificar seu próprio ponto de vista tão explicitamente quanto possível. A abordagem comparativa parece-me oferecer uma resposta possível: tanto modesta que complexa. (HARTOG, 2008, p. 18).

Essas colocações, feitas por Hartog, abre a oportunidade de trabalhar a interpretação sobre os fatos históricos que desejamos compreender no tempo, levando em conta a produção, ou adequação de conceitos que venham a contribuir com essa compreensão. É importante tentar analisar a humanidade dentro do tempo presente e investigar como foram essas relações com os tempos passados, de uma forma estrutural, pois as ações do homem no tempo estão diretamente ligadas às nossas vivências atuais e a nossa relação com esse tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas várias definições de Tempo gera um interessante debate na aprendizagem histórica, pois este conceito é visto como um referencial para interpretação da história humana e como um elemento essencial para fazermos uma reflexão historiográfica. Uma abordagem no estudo da História que nos parece ser imprescindível e necessária, pois permite que o homem se localize em um contexto e defina, juntos aos demais

membros do seu grupo social, sua cultura, sua regras e seu contexto de orientação.

Que função complexa a do historiador! Tornar possível através de seus métodos de investigação, descobrir vivências que estavam no passado e que ressurgem através dos vestígios e dos ecos observados no presente. Retomando a apologia da Clepsidra, de Reis (2002), é possível, a partir dos estudos das temporalidades presentes no Tempo, relembrar aos vivos, que estão na parte superior da clepsidra a sua interligação com outros tempos e com outras pessoas, que outrora eram vivos e que agora ocupam o vão inferior da clepsidra: o passado. Esses sujeitos não deixaram de ser, porque puderam, de forma insistente, deixar seus restos, seus lastros por onde passaram, prova essencial da necessidade de se fazer lembrar que é típica dos seres humanos, que não querem se perder, sem provar que existiram para as gerações sucessoras.

É preciso, pois, fazer falar os sinais lançados sobre o Tempo, ler estes sinais, vasculhar suas pistas. São esses ecos humanos dispostos no passado, que ecoam através do trabalho de pesquisa do historiador nos conectando com o tempo presente. Essa é a marca principal do ser humano: não deixar de ser, poder esticar-se ao presente, através de um passado que virá à tona, na medida em que, o historiador recorre à investigação para provar que este humano outrora existiu e carregou consigo marcas de um tempo relacionado à sua trajetória de vida.

Se não temos uma definição específica, pois são muitas as definições do que seja o Tempo, é possível compreendê-lo como uma passagem, não linear, não pré-estabelecida, nem estática, nem previsível, dentro de um determinado contexto histórico, repleto de mudanças transitórias, repleto de fatos marcantes, construídos e vivenciados pelo homem em suas trajetórias no espaço em que este ocupa neste imenso Universo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**: livro XI. Petrópolis: vozes, 2005.

BARROS, José D'Assunção. A historiografia e os conceitos relacionados ao tempo. **Dimensões**, vol. 32, p. 240-266, 2014.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

ELIAS, Nibert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HARTOG, François. **Tempo, história e escrita da história: a ordem do tempo**. In: [HTTP://www.fflch.usp.br](http://www.fflch.usp.br), janeiro de 2008.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo, estudos sobre História**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

PROST, Antoine. Como a História faz o historiador? **Revista Anos 90**. Porto Alegre. Nº 14, p. 07-16, dez. 2000.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REIS, José Carlos. **O conceito de tempo histórico em Ricouer, Koselleck e "Annales": uma articulação possível**. Síntese nova Fase. V. 23, nº 73, pág. 229-252, 1996.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROMERO, Mariza. Entrevista de François Hartog. **Revista brasileira de História**. São Paulo, v. 35, nº 70, 2015.